

A décima cena

Paulo Capel Narvai *

Cena 10. Em Sobral, Ceará, uma adolescente de 17 anos, no oitavo mês de gestação, procura atendimento odontológico no SUS. Por receio do tratamento suportou, durante mais de dois meses, dor no dente incisivo central superior esquerdo. Até que a dor ficou insuportável. É atendida ao chegar à unidade de saúde. A dor cessa imediatamente. Em seguida é encaminhada ao Centro de Especialidades Odontológicas. Dias depois recebe alta do tratamento de canal.

A escolha, pelo presidente Lula, do médico sanitário José Gomes Temporão, para o ministério da Saúde foi saudada nos quatro cantos do Brasil. Nome identificado com o SUS e com o movimento conhecido como Reforma Sanitária, que levou à criação do sistema pelos constituintes de 1988, Temporão foi um alívio para os que temiam alguma virada nos rumos do ministério. Ótimo.

Nos dias que se seguiram ao anúncio, a imprensa tratou de dar o perfil do novo ministro: Temporão, 56 anos, nasceu em Lisboa (sua família desembarcou no Rio de Janeiro exatamente no dia em que ele comemorava um ano de vida), é mestre em Saúde Pública (Fiocruz) e doutor em Medicina Social (UERJ). O tema da sua dissertação de mestrado, concluída em 1984 sob orientação de Hésio Cordeiro, foi "A propaganda de medicamentos e o mito da saúde". O doutorado gerou a tese "O complexo industrial da saúde: público e privado na produção e consumo de vacinas no Brasil" e foi concluído em 2002, sob orientação da professora Anna Maria de Souza Campos. Seu currículo acadêmico, disponível na base Lattes, do CNPq, registra ainda um período na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), em 1981, onde trabalhou com a consagrada pesquisadora Asa Cristina Laurell. Temporão é Pesquisador Titular da Fundação Oswaldo Cruz e membro do Cancer Control Advisory Committee, vinculado à Organização Mundial da Saúde.

Segundo o jornal "Valor Econômico", de 19/3/2007, o ministro é casado com uma psicanalista, amante de música e literatura, e pai de quatro filhos homens, um dos quais é doutorando em física quântica, outro estuda desenho industrial e um terceiro é violonista, freqüentador assíduo das noites da Lapa, no Rio de Janeiro.

Nas primeiras entrevistas, Temporão confirmou as expectativas e, coerente com sua trajetória, tratou logo de sair em defesa do SUS, posicionou-se a favor da continuidade da vinculação de recursos orçamentários para financiar o sistema, insistiu na necessidade de humanizar a atenção à saúde, qualificar a assistência, investir nos trabalhadores do setor, melhorar o desempenho dos serviços, desenvolver ações intersetoriais, prevenir doenças, promover a saúde. Ótimo.

Em seu discurso de posse desenvolveu melhor essas intenções e deu indicações, mais ou menos precisas, sobre o que pretende fazer à frente da Pasta da Saúde, como e com que recursos. É um belo discurso de posse. Nos dias que se seguiram, li várias manifestações entusiasmadas, vindas até de setores da oposição. Ótimo.

Mas, há um porém (segundo Paulinho da Viola, sempre há um porém...).

Como há um porém? "Tudo isso" e ainda há um porém?

Há um porém.

Pode não ser um "grande porém" para muitos. Mas é um grande porém para mim. Explico.

Temporão foi, como eu, dirigente nacional do CEBES – Centro Brasileiro de Estudos de Saúde, nos primeiros anos da década dos 80. O CEBES foi criado sob a liderança de dois gigantes da Saúde Pública brasileira: David Capistrano Filho e Sérgio Arouca, ambos falecidos para nossa infelicidade.

Entre tantas outras qualidades pessoais e profissionais, David Capistrano Filho foi uma espécie de "dentista sanitarista honorário", tamanha sua preocupação (e prática, como dirigente de instituições de saúde), com a atenção à saúde bucal, e a inserção de profissionais dessa área em programas e serviços públicos. Ao escrever o prefácio à primeira edição do meu livro "Odontologia e saúde bucal coletiva" (Hucitec, 1994), Capistrano escreveu: "Há poucos anos, a odontologia era uma das práticas de saúde mais elitizadas no País. Sua inserção no setor público se limitava a precários serviços escolares e abomináveis rotinas de extração dos dentes apodrecidos da população mais pobre. As lutas pela democracia e pela extensão da cidadania e a construção do Sistema Único de Saúde previsto na Constituição Federal de 1988 impulsionaram mudanças nessas práticas e nas concepções sobre o que deve fazer a odontologia brasileira."

Mais de uma década se passou desde que David escreveu sobre "o que deve fazer a odontologia brasileira". E não se pode negar que, nos últimos quatro anos, um esforço gigantesco foi feito pelo governo federal, e muitos estados e municípios, para diminuir a enorme defasagem da área de saúde bucal no interior do setor saúde e, mais especificamente, no âmbito do SUS. Os números são relativamente conhecidos e o êxito da política do primeiro governo Lula (2003-2006) nesse setor é inegável. A marca "Brasil Sorridente", tradução da Política Nacional de Saúde Bucal (PNSB) para fins de comunicação social, é amplamente conhecida, dentro e fora do setor de saúde. Durante esses anos a PNSB foi uma das cinco prioridades do governo federal na área da saúde. Lula mencionou-a centenas de vezes em sua campanha e até prometeu o programa "Olhar Brasil": *"vamos fazer nesta área como fizemos com o Brasil Sorridente"*.

Trabalhando há cerca de 30 anos na área de saúde bucal, e tendo assessorado o Ministério da Saúde em vários momentos nas últimas décadas, e intensamente nos últimos quatro anos, tenho de admitir: tive uma decepção, digamos, "bucal" com a fala de posse de Temporão – um discurso do qual, aliás, gostei muito. Como se vê, gostei e não gostei – dialeticamente. É bom ouvir o que ouvi do meu companheiro de CEBES e de Reforma Sanitária. Mas tem esse porém da "saúde bucal". E não se trata, por certo, no meu caso, de uma preocupação corporativista pois, reconhecidamente, meus interesses não são os que predominam nas entidades odontológicas. Aliás, o silêncio (mais uma vez...) dessas entidades sobre esta omissão na posse é preocupante.

Li e reli o discurso do ministro.

Nenhuma vez a expressão "saúde bucal". O "Brasil Sorridente" é mencionado apenas para falar do governo passado. Para este governo que se inicia, nenhuma palavra sobre a PNSB. O que teremos? Para onde vai a saúde bucal na gestão Temporão?

Em seu discurso de posse o ministro elencou nove cenas do cotidiano da saúde no Brasil. Falou de "quase tudo". Mas faltou uma décima cena. Para ajudá-lo a reescrever sua fala de posse, agora não mais como discurso mas como prática de gestor maior do SUS, descrevi a cena que abre este texto. É uma cena temporã, reconheço. Mas espero que haja tempo.

* Paulo Capel Narvai - Cirurgião-dentista sanitarista. Mestre e Doutor em Saúde Pública. Professor Associado (Livre Docente) da Universidade de São Paulo. Autor de *Odontologia e Saúde Bucal Coletiva* (Ed.Santos, 2002). E-mail: pcnarvai@usp.br